A MOCHILAGEM EM MATO GROSSO DO SUL – ROTAS E PERSPECTIVAS CULTURAIS

BACKPACKING IN MATO GROSSO DO SUL - ROUTES AND CULTURAL PERSPECTIVES

MOCHILAGEM EN MATO GROSSO DO SUL - RUTAS Y PERSPECTIVAS CULTURALES

Regerson Franklin Santos
Licenciado em Geografia, com especialização em Ensino de Geografia. Mestre e Doutor em Geografia. Professor na rede pública Estadual de Mato Grosso do Sul.
regersonfranklin@yahoo.com.br

RESUMO

A mochilagem, uma das formas de se fazer turismo, tem aumentado significativamente o número de adeptos como um segmento alternativo ao turismo convencional. Nesse sentido, o texto busca apresentar uma rota que possibilite o deslocamento em Mato Grosso do Sul, margeando as fronteiras internacionais com a Bolívia e o Paraguai. Mais que deslocamento, o ser mochileiro busca vivenciar e experienciar a natureza em suas formas primitivas, tendo na contemplação (paisagística, rural, de lazer) o ponto crucial de contato com as culturas, povos, tradições, costumes, religiosidades, gastronomia e uma forma de viajar pautada na alteridade, baixo custo financeiro e na relação interpessoal. Com essa proposição, os governantes (locais, estaduais, federal e internacionais) e os empreendedores poderiam estabelecer suportes sustentáveis em um território que dispõe de aparatos aos turistas convencionais e estender esse escopo a uma outra categoria, menos possuída financeiramente e que deseja vivenciar uma experiência cultural ímpar. Já as comunidades locais prosseguiriam em suas terras natais com melhora na qualidade de vida, mantendo às futuras gerações a história de seus povos. Essa prerrogativa geraria mais emprego, renda e exportaria algo que não sairia desses locais: a cultura do Sul-mato-grossense, do boliviano, do paraguaio e da mistura que há entre ambos. Isto posto, o trabalho se justifica pela pouca literatura vigente e também, como meio de inclusão aos milhares de mochileiros Brasil afora. Há espaço para ambos.

Palavras-chave: Mochilagem. Turismo. Mato Grosso do Sul. Fronteiras. Cultura.

ABSTRACT

Backpacking, one of the ways of making tourism, has significantly increased the number of fans as an alternative segment to conventional tourism. In this sense, the text seeks to present a route that allows the displacement in Mato Grosso do Sul, bordering the international borders with Bolivia and Paraguay. More than just displacement, the backpacker seeks to live and experience nature in its primitive forms, having in

contemplation (landscape, rural, leisure) the crucial point of contact with cultures, people, traditions, customs, religiosity, gastronomy, and a way of traveling based on otherness, low financial cost, and interpersonal relationships. With this proposition, the government (local, state, federal, and international) and the entrepreneurs could establish sustainable supports in a territory that has apparatuses for conventional tourists and extend this scope to another category, less financially endowed and that wants to live a unique cultural experience. The local communities, on the other hand, would continue in their homelands with improved quality of life, maintaining for future generations the history of their people. This prerogative would generate more jobs, income, and would export something that would not leave these places: the culture of the South Mato Grosso, the Bolivian, the Paraguayan, and the mixture that exists between both. Having said this, the work is justified by the little literature available and also as a means of inclusion for the thousands of backpackers throughout Brazil. There is room for both.

Key-words: Backpacking. Tourism. Mato Grosso do Sul. Borders. Culture.

RESUMEM

La mochilagem, una de las formas de hacer turismo, ha aumentado significativamente el número de aficionados como segmento alternativo al turismo convencional. En este sentido, el texto busca presentar una ruta que permite el desplazamiento en Mato Grosso do Sul, bordeando las fronteras internacionales con Bolivia y Paraguay. Más que el desplazamiento, el mochilero busca vivir y experimentar la naturaleza en sus formas primitivas, teniendo en la contemplación (paisajística, rural, de ocio) el punto crucial de contacto con las culturas, las personas, las tradiciones, las costumbres, las religiosidades, la gastronomía y una forma de viajar basada en la alteridad, el bajo coste económico y la relación interpersonal. Con esta propuesta, los gobiernos (local, estatal, federal e internacional) y los empresarios podrían establecer soportes sostenibles en un territorio que dispone de aparatos para los turistas convencionales y ampliar este alcance a otra categoría, menos poseída económicamente y que desea vivir una experiencia cultural única. Las comunidades locales, por su parte, continuarían en sus tierras de origen con una mejor calidad de vida, manteniendo para las generaciones futuras la historia de sus pueblos. Esta prerrogativa generaría más empleos, ingresos y exportaría algo que no saldría de estos lugares: la cultura del Mato Grosso do Sul, la boliviana, la paraguaya y la mezcla que existe entre ellas. Dicho esto, el trabajo se justifica por la poca literatura existente y también como medio de inclusión para miles de mochileros en todo Brasil. Hay espacio para ambos.

Palavras-clave: Mochilagem. Turismo. Mato Grosso do Sul. Fronteras. Cultura.

INTRODUÇÃO

"Andei por toda essa cidade
Buscando o seu sorriso
Andei por ruas e calçadas
Por praças e avenidas
Sai pras noites bares festas
Buscando sua dança
Viajei por tantas estradas
Cheguei até a fronteira
Bienvenido amigo a la frontera"
(Frontera – Muchileiros)

O presente texto tem o objetivo de apresentar uma rota de mochilagem[1] que abrange as fronteiras do estado de Mato Grosso do Sul com a Bolívia e o Paraguai. Trata-se de apenas uma rota que delineará o desenvolvimento do trabalho, ressaltando-se que existem inúmeras outras possibilidades a serem expostas e trilhadas em Mato Grosso do Sul.

Justifica-se o escrito, primeiro por que se refere a um tema com pouca literatura, segundo que pode despertar – nas comunidades locais, governantes e empreendedores de maneira geral – diversas maneiras de fomentar a economia gerando emprego e renda e, em terceiro lugar, que pode incentivar esse tipo de turismo em território Sul-mato-grossense.

Nesse sentido, trata-se se explorar de forma consciente as riquezas, recursos, belezas, culturas, historicidade e demais atrativos de acordo com um padrão que vem crescendo no mundo todo e, o Brasil/Mato Grosso do Sul, por sua dimensão, poderia aderir com mais propriedade obtendo as vantagens econômicas sem destruir, devastar ou outras formas de prejuízos ao território e seus povos nativos, reunindo, assim, princípios sustentáveis e economia local ativa, preceitos do mochileiro (SANTOS; ASSUNÇÃO, 2020).

[1] Mochilagem nesse texto se refere a um estilo de viagem pautado na contramão do turismo de massa e do consumo (FALCÃO, 2013; 2015), pois é intrínseco à natureza e suas relações de identidade, pertencimento, vivência e contemplação (FALCÃO, 2016). Ademais, tem algumas características como preços acessíveis no que tange aos deslocamentos, hospedagens e compartilhamentos de imaterialidades próprias a ambientes nativos, desconexos de rotinas. Em Santos e Assunção (2020) é possível ver as relações desse termo (historicidade e contextos atuais) com suas congêneres e demais características do ser mochileiro e da mochilagem.

Por estar inserido em zona de fronteira internacional[2], acresça-se a esse cenário todas as complementações que o "exterior" e suas exterioridades podem oferecer, fundamentalmente se forem complementares e conjuntas com o objetivo de vivenciar, mostrar e oferecer outras visões aos turistas (INGOLD, 2015).

Isto posto, o texto está escrito de maneira ininterrupta em que ocorre, a todo instante, conexões entre os territórios, as pessoas (de aqui, Mato Grosso do Sul, e de acolá, da Bolívia e do Paraguai), as tradições, religiosidades e demais formas de contemplação da paisagem, mas também de parcelas de culturas Sul-mato-grossenses – deixando a sensação de que há muito mais a ser conhecido (BENI, 2004).

Por tratar-se de um escrito que se insere na geografia cultural, uma das muitas ramificações da Geografia e, *strictu sensu*, das Ciências Humanas, as vertentes metodológicas desenvolvidas (GOLDENBERG, 2004) se apresentam de maneira muito subjetiva pois, compostas de múltiplas espacialidades, visões e análises que consideram a heterogeneidade em sua essência (MORIN, 2007).

Assim, o pesquisador participante (SCHERRER, 2015) se envolve na pesquisa de maneira a discorrer (direta e indiretamente) sobre a narrativa em voga, seja pela experiência em mochilar, seja pela vivência por ela adquirida, vivenciada. Destarte, realizar esse percurso subjetivo não incide que não se possa atender aos auspícios científicos pois, no dizer de Boaventura de Souza Santos (2010), as ciências são constructos em constante atualização. Não há um único método, tampouco para as ciências humanas e sociais.

DESBRAVANDO PARADIGMAS: QUE MATO GROSSO DO SUL É ESSE?

Considerando-se que o Brasil tem uma extensa faixa de fronteira, que, segundo a legislação, se aprofunda cerca de 150 km dos limites territoriais[3], caminhar,

[2] "um espaço de interação, uma paisagem específica, com espaço social transitivo, composto por diferenças oriundas da presença do limite internacional, e por fluxos e interações transfronteiriças [...] Produto de processos e interações econômicas, culturais e políticas, tanto espontâneas como promovidas, a zona de fronteira é o espaço-teste de políticas públicas de integração e cooperação, espaço-exemplo das diferenças de expectativas e transações do local e do internacional" (BRASIL, 2005, p. 21).

[3] No Brasil, a Lei nº 6.634/1979 - regulamentada pelo Decreto nº 85.064/1980 (BRASIL, 1980) - delimita largura da faixa de fronteira em 150 quilômetros a partir dos limites territoriais da nação.

conhecê-la e ultrapassá-la é uma tarefa difícil e complexa (FOUCHER, 2009), mais ainda, se esse trajeto se der em estilo de mochilagem (FALCÃO, 2013; 2015; 2016).

A fronteira, no dizer de Santos, Leite e Vera (2019) incide em

> locais complexos, mas, extremamente ricos para se (re)conhecer. A cultura, as mediações, as misturas, o vai e vem legal ou não legalizado, dentre outras formas de convivência, apresentam esse caráter fronteiriço que se intensifica no Brasil à medida que temos uma fronteira extensa, que abrange inúmeros países. Mesmo na divisa do estado de Mato Grosso do Sul com o Paraguai, cada local, cada *entre-lugar*, é uma nova galáxia territorial em formação (SANTOS; LEITE; VERA, 2019, p. 82).

Em MS[4], algumas opções oriundas da natureza exuberante que se encontram na área do Pantanal são atrativos nacionais e internacionais, principalmente para o turismo rural e/ou de paisagem que, no dizer de Ribeiro (2018), torna-se um espetáculo a ser contemplado. Esse aparato poderia ser dimensionado também para abranger uma rota de mochileiros (SAWAKI; SAWAKI; HACK NETO, 2010), principalmente fora desse trajeto turístico pantaneiro[5].

Regiões que estão fora do Pantanal Sul-mato-grossense também podem potencializar o turismo mediante as características históricas e culturais que apresentam, além de outros tipos de natureza (biomas) que podem ser contemplados e vivenciados por trilhas, aventuras e experimentações.

Ainda que no Sul de MS pese uma maior concentração de cidades e um fluxo populacional mais intenso, resultante de uma faixa de fronteira mais comercial - uma fronteira móvel, dobrável-flexível (SANTOS; LEITE; VERA, 2019) -, pode-se dizer que essa região carece de uma atuação diplomática (pois contexto internacional) mais próxima e integrada (AMILHAT SZARY, 2013) para inseri-la no roteiro turístico – convencional e de mochilagem.

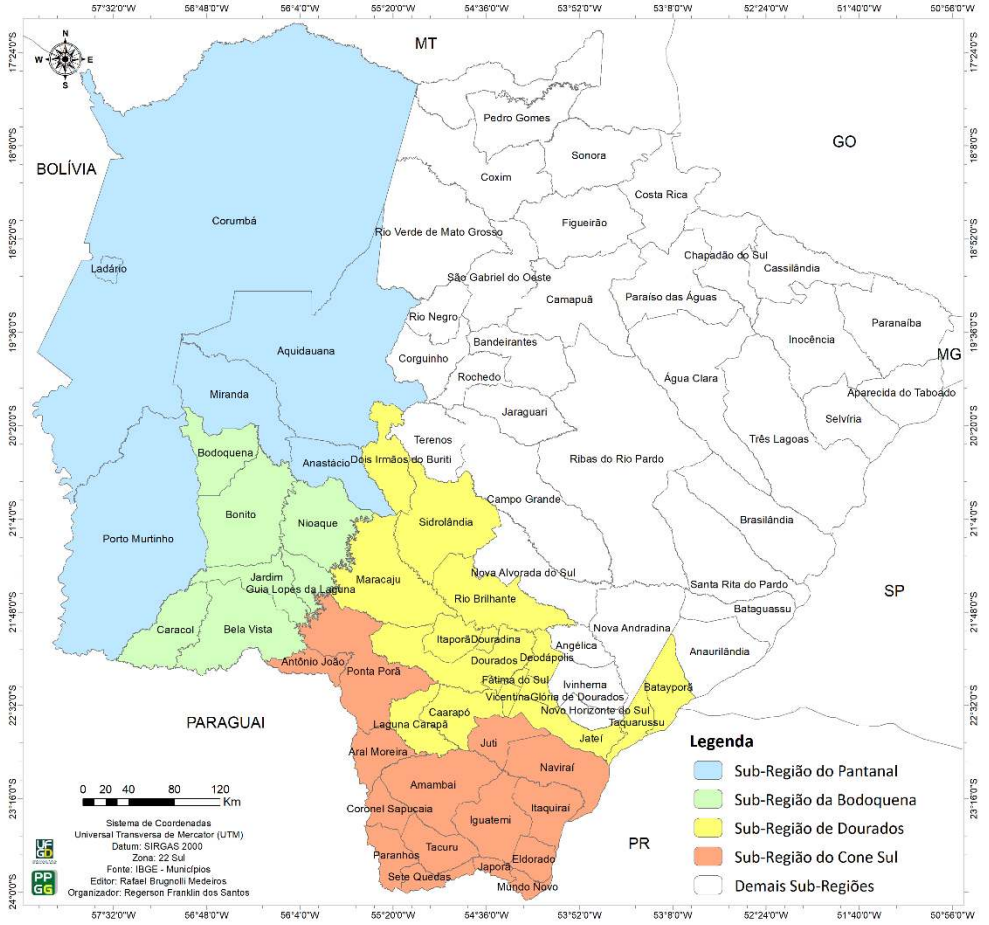
Essa possibilidade pode propiciar avanços sociais, econômicos e infraestruturais sem degradar o ambiente (GONÇALVES, 2019) e sacrificar as populações nativas na medida em que, em muitos casos, o turismo mercantiliza suas

[4] A partir de agora, utilizaremos a sigla MS para nos referirmos à Mato Grosso do Sul, com o objetivo de tornar o texto mais fluído acerca da leitura.
[5] Para uma consulta mais detalhada sobre o turismo em MS, suas potencialidades e mapeamento, ver Lima, 2017.

terras, seu trabalho e suas vidas, ficando os nativos com prejuízos, ao passo que agentes terceirizados e detentores de capital é que lucram via esse processo.

A Figura 1 apresenta com detalhes as divisões fronteiriças que existem entre MS, a Bolívia e o Paraguai, evidenciando as vicissitudes e particularidades de cada sub-região, ora menos habitada e com mais natureza primitiva, ora o oposto.

Figura 1 - Mato Grosso do Sul e as sub-regiões de Faixa de Fronteira com Bolívia e Paraguai



Elaboração: Santos (2021)

As sub-regiões do Pantanal e da Bodoquena são, assim, mais voltadas a uma mochilagem de contemplação paisagística, de aventura e conhecimento desse grande bioma que é o Pantanal Sul-mato-grossense (LIMA, 2017), e, caso se queira, o *Chaco* no lado paraguaio; já as sub-regiões de Dourados e do Cone Sul, são mais voltadas ao comércio e relações fronteiriças de produtos e mercadorias, com fluxo maior.

Salientamos, conforme os preceitos da mochilagem, que a relação que existe entre quem visita e quem recebe esses visitantes deve ser o mais sustentável possível, tanto para o lugar quanto para as pessoas, de modo a preservar a harmonia e o habitat (ANSARAH, 2001). Para tanto, cabem aos órgãos fiscalizadores atuar para coibir tais transgressões e manter o ciclo virtuoso.

Apresentando essa gama de conceituações às quais pode-se inserir o mochileiro com relação ao turismo, recorremos à Binfaré *et. al* (2016) para explicitar esse contexto, em que, conforme os autores,

> O turismo moderno utiliza teorias relacionadas a diversas áreas do conhecimento, sendo objeto de estudo da economia, história, geografia, sociologia, e em especial do próprio turismo. Dada às proporções do desenvolvimento da atividade turística e o grau de importância que possui na sociedade, faz-se necessário à construção do conhecimento no campo de estudo sobre essa prática, caráter que evidencia a multi, inter e transdisciplinaridade do turismo (BINFARÉ *et. al*, 2016, p. 26).

E a mochilagem se faz presente nessa definição. O roteiro[6] mochileiro de MS ora em foco, então, poderia começar em Corumbá e sua cultura cintilante que mescla variantes brasileiras com bolivianas em que Puerto Quijaro-BOL, cidade vizinha que dista poucos quilômetros, é um local obrigatório para se conhecer preliminarmente o povo boliviano, seus costumes e vivências.

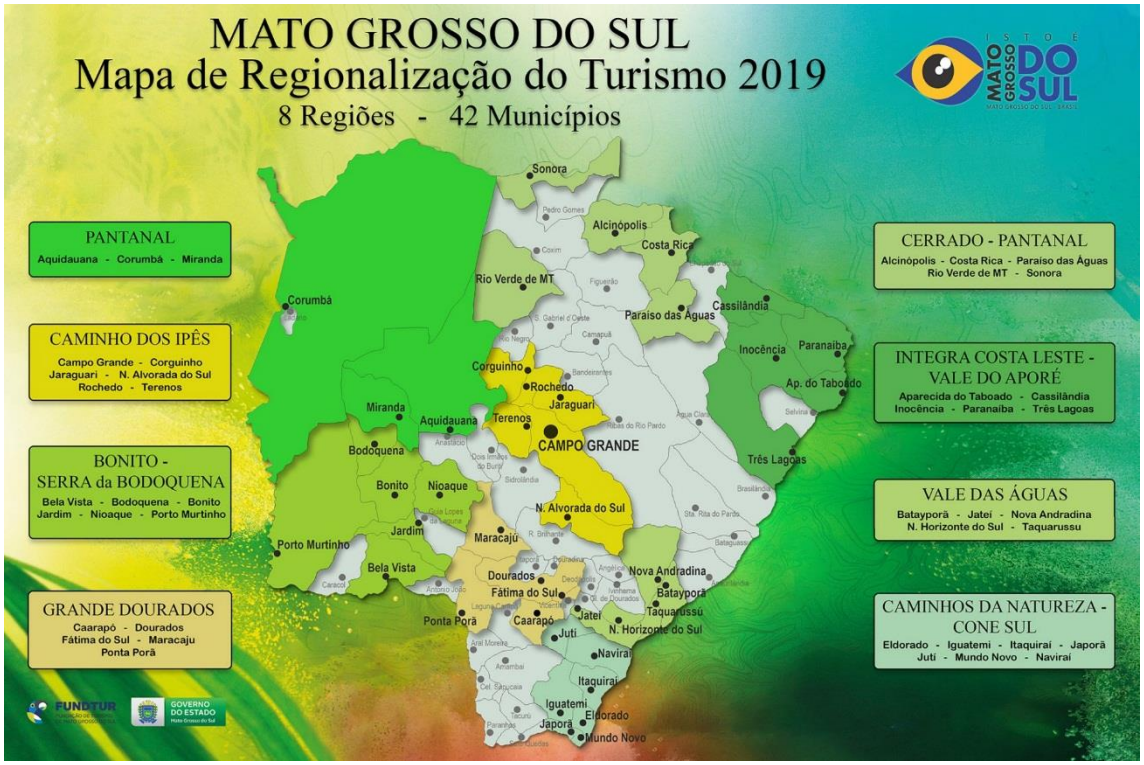
A Figura 2 apresenta algumas das diversas peculiaridades turísticas que podem ser encontradas em MS, cada qual com suas potencialidades e destinos a serem visitados-contemplados por turistas e mochileiros (FERRARA, 1999). Certamente, há outros itinerários que não estão representados.

Detalhe que, além da fronteira com a Bolívia e o Paraguai, denotando uma confluência trinacional, MS também tem limites com os estados do Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, portanto, uma gama pluridiversificada de

[6] Salienta-se a necessidade de planejar a viagem com antecedência não somente acerca dos períodos de cheia e seca do Pantanal, que interferem na sua contemplação, aventuras e lazer e mesmo acerca das especificidades da fauna e flora. É preciso também ater-se para os desfechos negativos ocasionados pela natureza (seca prolongada e/ou cheia acima da normalidade) e os provocados pelo homem, como as queimadas em 2020 que destruíram parcela significativa do bioma e, além de comprometerem o turismo, resultam negativamente na experiência, no vivenciar que não se esperava.

especificidades locais/regionais, todavia, como recorte de análise, focaremos somente na faixa internacional.

Figura 2 - Representação das regiões turísticas de Mato Grosso do Sul



Fonte: Fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul, 2019.

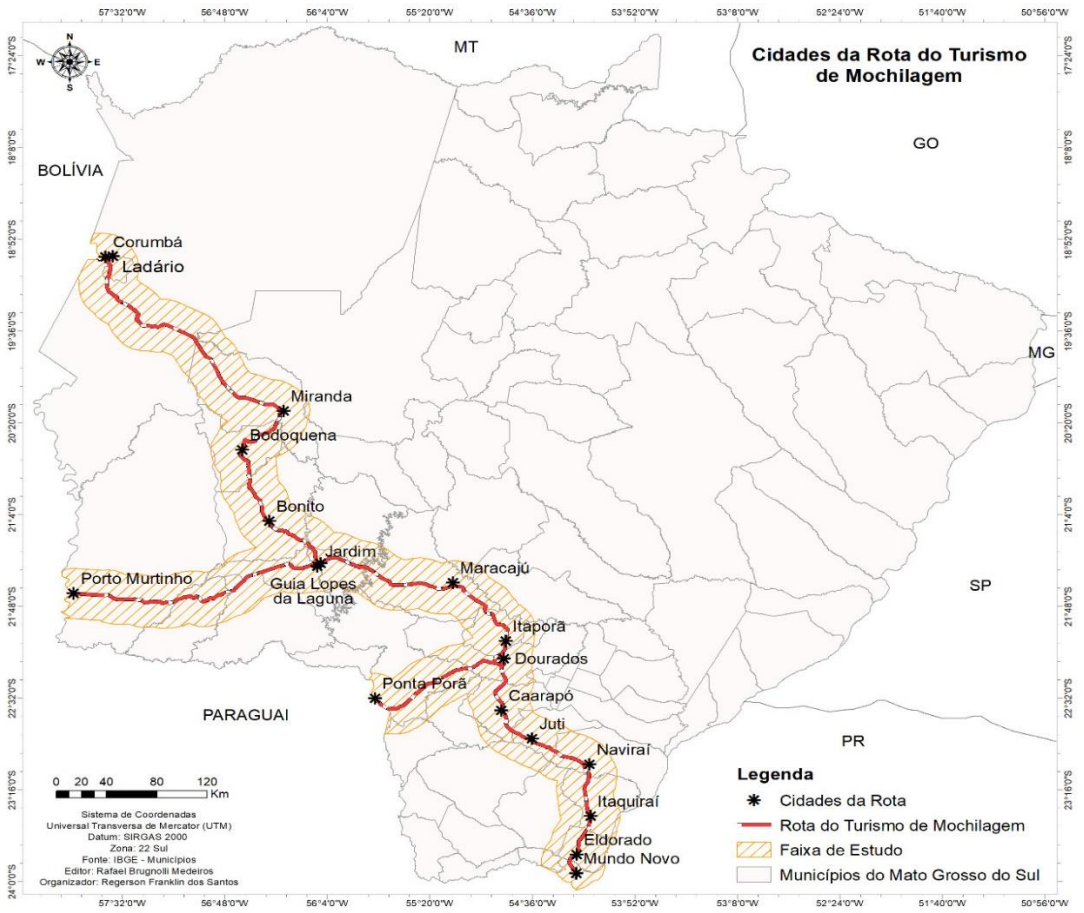
À pesca[7] no Rio Paraguai e os inúmeros passeios oriundos da contemplação do Pantanal - sua fauna e flora - se soma uma rota que pode ser percorrida na cidade de Corumbá, com suas trilhas, seu porto e suas construções centenárias, dentre outros muitos lugares a serem conhecidos, obviamente, degustando um peixe típico da culinária local (OLIVEIRA, 2020).

[7] Para esse tipo de aventura/lazer, é preciso estar atento à época da Piracema, movimento migratório dos peixes no período reprodutivo, que ocorre nos meses chuvosos – geralmente novembro a fins de fevereiro e/ou início de março do ano seguinte – e que a pesca é proibida. Também é importante ater-se às questões legais (embarcação e piloto com licenças em dia e uso de materiais permitidos para esse fim), evitando-se multas, acidentes e até detenções. Em MS, o Instituto de Mato Grosso do Sul – IMASUL é o responsável pelo ordenamento jurídico e publicação dos decretos relativos à Piracema em cada ano, e a Polícia Militar Ambiental do estado, o agente fiscalizador.

Acerca dessas oportunidades e relações, Barreto (1991, p. 47/48) ressalta que "O turismo é o fenômeno de interação entre o turista e o núcleo receptor de todas as atividades decorrentes dessa interação", corroborando o mencionado e que, no que tange ao turismo de mochilagem, torna-se mais intenso pois, o mochilar incide na prosa, no escutar, na empatia e pode também ser impactado imageticamente, como, pelo lastro de destruição visualizado-sentido com o desastre que as queimadas ocasionaram em 2020 (A GAZETA, 2020).

A Figura 3 explicita a rota tracejada, evidenciando o caminho de mochilagem a ser percorrido.

Figura 3 – Rota Sul-mato-grossense fronteiriça com Bolívia e Paraguai



Organização: Santos (2021)

Por tratar-se de uma cidade transfronteiriça com a Bolívia, Corumbá é uma das portas de entrada e saída de todo tipo de migrante que vai visitar os pontos turísticos

encontrados na Bolívia e Chile, além de ser considerado um caminho sagrado[8] (via trem ou ônibus) para a encantadora e secular *Matchu Pitchu*, no Peru.

Em MS, essa é uma das rotas que podem ser traçadas e percorridas-experimentadas, todavia, considerando-se a malha rodoviária, é a mais usual, tendo na BR 262 o seu início (Corumbá) e posteriormente rodovias estaduais como MS 339 e 178 que ligam Miranda à Bodoquena e Bonito, respectivamente. Poucos quilômetros ao sul, via BR 267 ou MS 382, chega-se a Jardim. Sai-se do complexo turístico denominado Pantanal (Figura 2) para a Serra da Bodoquena.

Nesse entre-lugar (HANCIAU, 2005) pode ser percebida a influência boliviana, mas também indícios da paraguaia, transformando novamente as pessoas e seus hábitos e tradições, em uma terceira via. Há bolivianos, paraguaios, sul-mato-grossenses e todos eles "juntos e misturados" (ABREU, 2021), formando uma miscigenação que é brasi-boliviana, brasiguaia, "boli-guaia" (...) um ser ímpar que só se encontra por essas redondezas.

Essa espacialidade oferece um outro tipo de turismo, de natureza menos "selvagem" e mais contemplativa, ainda que se esteja no mesmo Pantanal (KRIPPENDORF, 1989; MASSEY 2008).

Nesse contexto, o município de Bonito apresenta uma infraestrutura (hoteleira, gastronômica, turística) que atende os mais altos padrões de qualidade próprios ao Turismo de massa e que se estende a outros segmentos. Vejamos:

> Bonito tem pelo menos 113 opções de hospedagem, sendo 70 hotéis e pousadas, seis albergues, cinco campings e 32 casas de aluguel [cadastradas no Airbnb]. São mais 5.715 leitos, já que os campings não entraram na contagem, que geram 795 empregos permanentes (...) A cidade conta com 46 agências de turismo, sendo que 22 estão anexas a hotéis. Deste total, 59% oferecem atendimento em língua estrangeira e geram 196 empregos permanentes (MATO GROSSO DO SUL, 2016).

[8] Durante séculos, o movimento migratório na América do Sul utilizou uma rota que se iniciava no Oceano Atlântico e ia até o Oceano Pacífico para seus deslocamentos. Esse caminho foi denominado "Caminho de Peabiru". Tratava-se de uma rota indígena antiga. Para alguns, o significado em Guarani é "Terra sem males", mas são encontradas várias versões para o significado de seu nome, como "caminho que leva ao céu" ou "Caminho do Peru". Para mais informações, consultar http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=317. Hoje, parte dessa rota (da Bolívia até Cusco, no Peru) é utilizada por turistas e mochileiros e serve de parâmetro para os turistas convencionais e principalmente os mochileiros, devido às culturalidades que envolvem.

Bodoquena e Jardim, municípios vizinhos a Bonito e pertencentes ao mesmo bioma, também apresentam esse panorama turístico, todavia, com infraestrutura menor e sem o mesmo "*glamour*". Todos esses 3 municípios, formam, assim, um complexo que oferece a Natureza como Turismo e o Turismo de Natureza [9].

Nesse sentido, tem-se espaços/localidades/destinos que são opções aos turistas convencionais (muitos estrangeiros, inclusive), e também aos menos favorecidos e/ou aqueles que preferem mochilar e vivenciar-experienciar as aventuras de uma viagem dessa envergadura, pautada em preços acessíveis (CIDADE, 2012), mais diálogo e menos luxo com "pitadas" de reflexão, nostalgia e aproximação da *pachamama* e dos nativos (SILVA, 2011; 2015).

Se ainda quiser se aventurar pelo Rio Paraguai e os passeios e rotas selvagens propícias de fauna e flora exuberantes, pode-se deslocar de Jardim sentido oeste até o município de Porto Murtinho (via BR 267) e ter pesca com pura adrenalina[10]. Por tratar-se de um trecho de cerca de 200 Km com pouca densidade populacional e infraestrutura (postos de gasolina, restaurante, sinal de celular etc.) insuficiente, há que se planejar o traslado, se possível em comboio de veículos e saindo no período matutino. Estando em Porto Murtinho, a poucos quilômetros está o Paraguai e o Pantanal do lado de lá, conhecido como *Chaco*.

Caso queira seguir adiante rumo ao sul, a mesma BR 267 te conduz à "Capital da Linguiça", a cidade de Maracaju, podendo almoçar tranquilamente um dos petiscos mais famosos do estado e seguir adiante – fica para trás a Serra da Bodoquena e aparece no horizonte o complexo turístico denominado (Figura 2) Grande Dourados; a rodovia estadual MS 157 liga as duas cidades.

Em Dourados, segunda maior cidade de MS, encontrará várias bifurcações culturais (CLIFFORD, 2000). Como exemplo, tem-se fundamentalmente a maior Aldeia

[9] Alho (2019), Machado; Sousa; Kelmer (2020) e Freitas (2020) apresentam abordagens diferentes e que contribuem sobremaneira para um maior aprofundamento sobre o Turismo de Natureza.
[10] Petrechos como anzóis, varas, molinetes, tarrafas, redes, coletes, barcos, pessoal especializado e iscas as mais diversas podem ser encontrados-alugados nessas localidades, propiciando uma aventura ímpar.

Urbana do país, Reserva Indígena de Dourados[11], além de outros povoados indígenas que ainda resistem ao agronegócio via processo de retomadas (BRASIL DE FATO, 2020). As cidades (apesar de pequenas) são mais próximas umas das outras e em maiores quantidades, facilitando o caminhar.

A pouco mais de 100 quilômetros, sentido oeste (BR 463), tem-se a cidade de Ponta Porã, uma das faixas de fronteira mais populares de MS e que, tem na cidade paraguaia de Pedro Juan Caballero, sua irmã gêmea[12]. Segundo o (extinto) Ministério da Integração Nacional, cidades gêmeas compreendem

> adensamentos populacionais cortados pela linha de fronteira – seja esta seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura – apresentam grande potencial de integração econômica e cultural assim como manifestações 'condensadas' dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania (BRASIL, 2005, p. 152).

Isto posto, Ponta Porã e Pedro Juan Caballero têm apenas marcos de concreto que definem de qual lado da fronteira se está, demonstrando a fluidez do mundo atual (GIDDENS, 2002; BAUMAN, 2001). Basta cruzar uma haste artificializada, que estará de frente a tendas e galpões de vendas de importados e comestíveis que, se encontram ora aqui - Avenida Marechal Floriano, no Brasil, ora lá, na Avenida Dr. Francia, Paraguai. Intermediando ambos, o Brasiguaio e sua cultura transfronteiriça (ALBUQUERQUE, 2009; 2010; SOUZA, 2018).

Comércio farto de uma infinidade de produtos é facilmente encontrada tanto no comércio de rua quanto nas grandes empresas do lado paraguaio e, em tempos de dólar baixo em relação ao real, há uma quantidade considerável de "sacoleiros" adquirindo essas mercadorias para revenda em MS e demais estados fronteiriços. É, com certeza, um lugar obrigatório para um mochileiro visitar.

[11] Bastos (2014) e Mota (2020) apresentam abordagens complementares acerca da constituição e características da Reserva.

[12] Em MS as urbes fronteiriças com o Paraguai e que são consideradas como cidades-gêmeas, são respectivamente: Bela Vista, que é vizinha de Bella Vista Norte (PY); Coronel Sapucaia, vizinha de Capitán Bado (PY); Mundo Novo, que faz divisa com Salto del Guairá (PY); Paranhos, com Ypejhú (PY); Porto Murtinho, que faz fronteira com Capitán Carmelo Peralta (PY); e Ponta Porã, que fica ao lado de Pedro Juan Caballero (PY). Por sua vez, na fronteira com a Bolívia as cidades-gêmeas são Corumbá (BR) e Puerto Quijaro (BOL) (BRASIL, 2016).

Retornando para Dourados e se preparando para seguir a mochilagem, tem-se um trecho (BR 163) que apresenta outras culturalidades-historicidades que são diferentes pelo Bioma (transição Cerrado-Mata Atlântica) que enseja outras paisagens e formas de contemplação da natureza e acerca da questão econômica e social que o represamento do Rio Paraná resulta, principalmente acerca de esportes náuticos.

Separando MS dos estados de São Paulo e Paraná, o entorno do Rio Paraná e seus afluentes apresenta a sua territorialidade (indígena, econômica, social e turística), que se traduz em uma diversidade de atrativos que podem ser encontrados nos municípios que abrangem essa região, que vão desde a contemplação da natureza até turismo de aventuras naturais.

Formada em sua maioria por cidades pequenas como Caarapó, Juti, Naviraí, Eldorado até chegar em Mundo Novo, tem-se um cenário de prosperidade do agronegócio com marginalização da questão indígena (SANTOS; LEITE; VERA, 2019).

Permeando essa relação, ocupações de Movimentos Sem-Terra, contrabando (de mercadorias, drogas e armas) por estradas vicinais e ausência de uma cultura viajante que possa agregar valor aos produtos/mercadorias artesanais produzidos por esses povos, como também espaços pensados e aptos a oferecerem aos mochileiros e demais turistas conhecerem a história do lugar (RAMOS; COSTA, 2017).

Desloca-se da Grande Dourados para o complexo "Caminhos da Natureza – Cone Sul). Em Mundo Novo, chega-se ao fim a rota de mochilagem proposta em território Sul-mato-grossense, pois se caminhar um pouco mais, adentra-se ao Estado do Paraná e, se optar por uma direção mais a oeste, chegará em Salto del Guairá, cidade paraguaia que também oferece serviços comerciais de grande monta. Caso queira contornar a fronteira de MS voltando sentido sudeste, fique à vontade para encontrar outras características fronteiriças.

CARACTERÍSTICAS DE FRONTEIRAS MULTI-OCUPADAS

Desde o Pantanal até Mundo Novo tem-se uma ampla oportunidade de descoberta e aventuras a serem desmistificadas, sentidas e vividas. Corumbá mesmo é ponto inicial dessa historicidade em que, é o centro portuário de uma tríplice fronteira

entre Bolívia, Paraguai e Brasil, tendo no Forte Coimbra um de seus enclaves históricos. A grande densidade populacional de oficiais das Forças Armadas também é uma das características desse lugar, rota de turistas.

Na parte mais meridional dessa fronteira, têm-se os "Brasiguaios"[13], que são esses indivíduos miscigenados, "mixturados" em sua forma de se alimentar, dançar, que também apresentam confluências acerca dos costumes, tradições e relações pessoais e de trabalho, proporcionando uma intermediação fantástica entre o de fora, o mochileiro, e os de dentro: brasileiro, paraguaio, "brasiguaio" (SOUZA, 2018).

Assim, o território pode ser estudado e com ele se estudar a fronteira, vivenciando rotinas e situações exóticas, não sob o aspecto de objeto racionalizado que comumente o turista de massa o faz, mas sim pela questão da proximidade, de se colocar no mesmo patamar que ele e, dessa forma, compreendê-lo em sua natureza nativa (SANTOS; LEITE; VERA, 2019).

No passado, essa região foi ocupada pelos índios Guarani Kaiowá, antes da chegada de espanhóis e portugueses[14]. A cultura Guarani é tão forte que dois idiomas são reconhecidos pelo Paraguai como oficiais, o Guarani e o Espanhol, como também essa mistura influencia a culinária local e as comidas típicas (sopa paraguaia *'ñandé mbaé Teete'* e chipa paraguaia *'Myangekõi'*); o primeiro tem o milho como ingrediente principal e, o segundo é feito à base do amido de mandioca.

Também pode-se observar os resquícios de uma história onde a fronteira entre os dois países fora palco de disputa armada e após seu término (Guerra do Paraguai 1864-1870), demarcada através da força e da imposição, fato ainda muito presente na lembrança dos paraguaios que mantém um acervo histórico observável no Parque Nacional de Cerro Corá, distante 35 km da cidade de Pedro Juan Caballero, e também de MS, que tem algumas festividades sobre essas temáticas, bem como nomes de distritos (Camisão/Aquidauana) e cidades (Antônio João, Guia Lopes da Laguna) que remetem a esse enlace.

[13] Sobre esse termo e suas características, ver Albuquerque (2009; 2010).

[14] História e cultura Guarani. **FUNAI – Fundação Nacional do Índio.** http://www.funai.gov.br/index.php/ascom/1947-historia-e-cultura-guarani. Acesso em 25 ago. 2019.

Muito além da fronteira oficial, há fronteiras "vicinais", "cabriteiras", "alternativas" que são utilizadas pelos moradores locais e outras pessoas que se desviam da rota oficial por diversos motivos. Destarte, no dizer de Amilhat Szary (2015, p. 13), temos uma fronteira móvel que:

> abre un campo epistemológico que nos habilita a indagar los vínculos densos entre territorios y culturas, sin caer en una primera trampa simplista de atribuir uno a otra, o una a otro (una cultura a un territorio y vice-versa), ni en una segunda, de considerar todo proceso cultural como un proceso de mestizaje. No obstante, idea de frontera conlleva una forma de violencia que está en juego cuando se trata de cultura y no se puede evacuar simplemente. El tríptico: territorio, identidad, frontera, permite entonces ofrecer pistas renovadas para pensar las consecuencias políticas e ideológicas del "turno cultural".

Isto posto, temos assim um amplo campo para estudar, conhecer, desmistificar, contemplar, vivenciar, sentir, cheirar e mochilar desde Corumbá até Mundo Novo. Identidades, territórios, limites, fronteiras físicas e imaginárias, (FERRARA, 1999), povos, tradições, suas culturas e religiosidades as mais diversas são prospectos de conhecimento e sabedoria que urgem ter uma política (inter)nacional, estadual e locais do tamanho dessa grandeza. Não se pode desprezar essas possibilidades que são a ponte para melhores condições de vida, geração de emprego e renda aos nativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há lacunas nessa rota de mochilagem que podem ser preenchidas pelos poderes federal, nacional e estaduais e, com um pouco mais de avanço e integração, instituir-se uma política de turismo para a região, em que todos ganhariam (não só) economicamente.

Rotas específicas, hospedagens características a esse público, infraestrutura mínima acerca do idioma e sua preparação pessoal para recebê-los, seriam as condições essenciais para acontecer um circuito de mochilagem, pois as paisagens exuberantes, costumes e tradições dos países da fronteira já estão estabelecidos, consumados, *"listos"* para serem "penetrados".

Conhecer as relações de fronteiras num envolto que abrange historicidade, turismo rural, comercial e com enorme monumentalidade patrimonial-cultural, são meios que podem alavancar essa rota, propiciando, no Brasil, na Bolívia e no Paraguai (e em ambos!), conhecer culturas viajantes distintas, complementares, híbridas.

Mais que propiciar a venda de objetos (artesanatos e mercadorias), a venda imaterial do conhecimento através da cultura, da historicidade, das religiosidades é o "ingresso" para desfrutar-se de uma aventura repleta de sinergias positivas e atreladas à natureza, abordagem peculiar do turismo de mochilagem.

Para tanto, uma estrutura confortável, segura e de baixo custo, que inclusive pode ser propiciada pelas residências dos próprios nativos, como ocorre na Bolívia, por exemplo, é a porta de entrada para, posteriormente, ir-se melhorando as estruturas de passeios, museus, trilhas e, dessa forma, ampliar qualitativa e quantitativamente o rol.

Mato Grosso do Sul merece uma rota que propicie caminhos de viagem que não somente aqueles que atendam aos padrões mercadológicos e, exclui economicamente milhares na medida em que se oferecem viagens-hospedagens-passeios com preços pautados em dólar e euro. É possível e é viável para incluir quem quer ver e sentir, não apenas comprar e "clicar-curtir".

REFERÊNCIAS

A GAZETA (Brasil). **Volume de queimadas no Pantanal em 2020 equivale à destruição dos últimos 6 anos**. 2020. AGÊNCIA ESTADO. Disponível em: https://www.agazeta.com.br/brasil/volume-de-queimadas-no-pantanal-em-2020-equivale-a-destruicao-dos-ultimos-6-anos-0920. Acesso em: 18 jun. 2021.

ABREU, Laís Rondis Nunes de. **Geografia da escola: uma análise territorial de escolas da fronteira Brasil-Bolívia e Brasil-Paraguai**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2021.

ALBUQUERQUE, José L. C. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos "brasiguaios" entre os limites nacionais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre - RS, nº 31, p. 137-166, jan./jun., 2009.

ALBUQUERQUE, José L. C. **A dinâmica das fronteiras:** os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010.

ALHO, Cléber J. R. O significado socioeconômico do turismo na natureza: o Pantanal diante das normas reguladoras do Estado. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 34, Número 3, Setembro/Dezembro 2019.

AMILHAT SZARY, Anne-Laure. Artista Pasa Paredes? **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre – RS, v. 42, n.2: 412-434, maio, 2015.

AMILHAT SZARY, Anne-Laure. Cultura de fronteras. *In*: NATES CRUZ, Beatriz (ed.). **"Frontera, Fronteras".** Editado por Ucaldas, Colombia, Octubre 2013.

ANSARAH, M. (Org.). **Turismo. Como aprender, como ensinar**. (Vol. 2). São Paulo: Senac. 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 255p.

BARRETTO, M. **Planejamento e organização em turismo**. Campinas: Papirus. 1991.

BASTOS, Tayaná Carolini Felizardo. **As Disputas territoriais entre indígenas e proprietários de terra no município de Dourados-MS: os acampamentos indígenas como perspectivas de resistência e luta pela terra.** 2014. 120 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2014.

BENI, Mario Carlos. **Globalização do Turismo: megatendências do setor e realidade brasileira.** São Paulo: Aleph, 2004.

BINFARÉ, Paula W.; CASTRO, Cleber T.; SILVA, Michel V.; GALVÃO, Patrícia L.; COSTA, Sinthya P. **Revista de Turismo Contemporâneo –RTC**, Natal, v. 4, Ed. Especial, p. 24-40, abr. 2016.

BRASIL. Decreto no 85.064, de 26 de agosto de 1980. Regulamenta a Lei nº 6.634, de 2 de maio de 1979, que dispõe sobre a Faixa de Fronteira. **Diário Oficial da União**, 27 ago. 1980.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira. **Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira.** Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. *PORTARIA Nº 213*, de 19 julho de 2016. Estabelece o conceito de "cidades-gêmeas" nacionais, os critérios adotados para essa definição e lista todas as cidades brasileiras por estado que se enquadram nesta condição. **Diário Oficial da União** nº 138, de 20 de julho de 2016.

BRASIL DE FATO (Brasil). **Seguranças privados realizam ataque de 16 horas e atiram contra indígenas no MS**. 2020. Por: Lu Sudré. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2020/01/10/segurancas-privados-realizam-ataque-de-16-horas-e-atiram-contra-indigenas-no-ms. Acesso em: 18 jun. 2021.

CIDADE, Eduardo. Em busca de experiências: o verdadeiro mochileiro é aquele que já passou por vários "perrengues". **INTRATEXTOS.** Rio de Janeiro. Número Especial 03, pp. 1-16, 2012.

CLIFFORD, James. Culturas Viajantes. In: ARANTES A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. pp. 50-79

FALCÃO, Denise. "Mochilar": a arte do "eu" por uma prática de lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer.** Belo Horizonte. v. 2, n. 2, p. 59-77, mai./ago. 2015.

FALCÃO, Denise. Mochilar: sentidos sociais e pessoais em uma dinâmica de lazer. SESC – Serviço Social do Comércio. 25º ENAREL - Encontro Nacional de Recreação e Lazer. Ouro Preto-MG; UFMG, 2013. **Anais** [...]. Ouro Preto, MG, 2013.

FALCÃO, Denise. Ser Mochileiro: uma construção social e pessoal do "mochilar". **Caderno Virtual de Turismo** – Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 76-90, dez. 2016.

FERRARA, L. A. O turismo dos deslocamentos virtuais. *In*: YÁZIGI, E. (Org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, p. 15-24, 1999.

FOUCHER, Michel. Introdução: a arte dos limites. *In*: FOUCHER, Michel. **Obsessão por fronteiras**. São Paulo: Radical Livros, 2009. pp. 9-27.

FREITAS, Maria João de Gouveia Abreu. **O Impacto do Turismo de Natureza e da Paisagem na Saúde. O Caso das Levadas na Madeira**. 2020. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2020.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar - Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONÇALVES, Karoline Batista. **Pantanal Transfronteiriço (Bolívia-Brasil-Paraguai) e as áreas protegidas: da produção de territórios as iniciativas de conservação**. 2019. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2019.

HANCIAU, Núbia J. Entre-Lugar. *In*: FIGUEIREDO, Euridice (Org.) **Conceitos de Literatura e Cultura**. Juiz de Fora. UFJF, 2005, p. 125-142.

INGOLD, Tim. Um mundo narrado. *In*: **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 211-257. (Coleção Antropologia).

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989, 236p.

LIMA, Bruno de Souza. **Paisagens da Serra de Maracaju/MS, suas potencialidades para o turismo de natureza**. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdades de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2017.

MACHADO, Annaelise Fritz; SOUSA, Bruno Barnosa de; KELMER, Magno Angelo. O Turismo de Natureza em Capitólio – MG: práticas e impactos. **Revista Americana de Empreendedorismo e Inovação**. v.2, n.3, nov/2020.

MATO GROSSO DO SUL. Semagro. Fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul - Fundtur-Ms. **Inventário de Bonito: cidade tem mais de 100 opções de hospedagens e 46 agências**. 2016. Disponível em: https://www.turismo.ms.gov.br/inventario-de-bonito-cidade-tem-mais-de-100-opcoes-de-hospedagens-e-46-agencias/. Acesso em: 18 jun. 2021.

MASSEY, Dorren. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2008.

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. **Territórios, multiterritorialidades e memórias dos povos Guarani e Kaiowá: diferenças geográficas e as lutas pela Des-colonização na Reserva Indígena e nos acampamentos-tekoha - Dourados/MS.** 2015. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2015.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MUCHILEIROS. **Frontera**. 2016. Composição: Soria. Disponível em: https://www.letras.mus.br/muchileiros/1231753/. Acesso em: 30 mar. 2020.

OLIVEIRA, Érica dos Santos. **Entre o religioso e o mercado: Nossa Senhora do Pantanal e o turismo na cidade de Corumbá - MS**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2020.

RAMOS, Dina Maria; COSTA, Carlos Manuel. Turismo: tendências de evolução. **PRACS – Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**. Macapá, v. 10, n. 1, p. 21-33, jan/jun 2017.

RIBEIRO, Mara Aline. A espetacularização da natureza no Pantanal. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, MS, v. 19, n. 4, p. 803-812, out./dez. 2018.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Regerson F. dos.; ASSUNÇÃO, Adenilso dos Santos. "Mochilagem": Porque as Fronteiras não têm limites àqueles que ultrapassam o seu limiar. **Geofronter**, Campo Grande/MS, v. 6, p. 01-22. 2020.

SANTOS, Regerson F. dos; LEITE, Márcio Nolasco; VERA, Beatriz. Por Fronteiras dobráveis no limiar da linha entre o Brasil e o Paraguai. **Entre Lugar**, Dourados, MS, v. 10, nº 20, 2019 - ISSN 2176-9559.

SAWAKI, Douglas Eigi; SAWAKI, Júlia F. H.; HACK NETO, Eduardo. Mochileiros: um segmento a ser explorado no Brasil. SEMINTUR - Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul: Saberes e fazeres no turismo: interfaces. Caxias do Sul-RS, 2010. **Anais** [...]. Caxias do Sul, RS, 2010.

SCHERRER, Paula Pereira. E quando pesquisador e pesquisado são a mesma pessoa? Reflexões epistemo-metodológicas à luz da complexidade e da transdisciplinaridade. **Dossiê ECOTRANSD: Ecologia dos saberes e Transdisciplinaridade**. TERCEIRO INCLUÍDO - NUPEAT–IESA–UFG, v.5, n.1, Jan./Jun., 2015, p. 263-286, Artigo 92.

SILVA, Igor Monteiro. Experiências em deslocamento: sentidos e práticas de viagem entre mochileiros contemporâneos. XV Congresso Brasileiro de Sociologia. Curitiba-PR Jul/2011. **Anais** [...]. Curitiba, PR, 2011.

SILVA, Igor Monteiro. Rasurando guias e cartões postais: notas sobre uma experiência *couschsurfing* em Fortaleza-CE. **Revista Iberoamericana de Turismo – RITUR**, Penedo-AL, v. 5, n. 1, p. 79-90, 2015.

SOUZA, Jonas Ariel Cantallupi de. **"No soy de aqui, ni de allí. Yo soy!": identidade territorial na fronteira entre Pedro Juan Caballero - Paraguai e Ponta Porã – Brasil**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Dourados – MS. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, 2018.

Recebido em abril de 2021.

Revisado em junho de 2021.

Aceito para publicação em junho de 2021.